

Editorial

As relações humanas se iniciam a partir de encontros humanos. Tais encontros são permeados por vivências relevantes para o desenvolvimento emocional de todos nós. Por intenção, ética, sincronia e autorização, feliz é aquele que possui em seu histórico de existência a chance de estabelecer tal encontro de humanidades, tendo como princípio existencial o início em si mesmo. Como diz Mamede (2006), não é o fato de um indivíduo ter nascido que já garante a ele a certeza da entrada no mundo humano.

O ser humano, a fim de que possa acontecer e emergir como si mesmo, precisa iniciar seu processo de constituição a partir de uma posição, de um lugar. Esse lugar não é só um lugar físico, é um lugar na subjetividade de um outro. Não é verdade que o fato de uma criança ter nascido garante que ela tenha tido um início como um ser participante do mundo humano. É muito grande o número de pessoas que vivem no mundo sem pertencer a ele, que vivem nele sem que tenham tido início como um ser frente a um outro. Há necessidade, para o acontecer humano, que a criança seja recebida e encontrada por um outro humano, que lhe dê esse lugar, que lhe proporcione o início de si mesma. Não é possível se falar de alguém sem que se fale de um outro (Mamede, 2006 pp. 18 e 19).

Tal encontro humano, geralmente iniciado na vida pela relação mãe-bebê, garante ao sujeito a entrada no mundo enquanto um ser vivo e real. Para isso como diz Winnicott (2000) o ambiente precisaria ser dedicado, atento, mas acima de tudo, suficientemente bom. Nesse sentido, a oferta de provisão pontual e suficiente do ambiente implicaria nesse acontecer saudável, ou seja, as falhas no desenvolvimento emocional se dariam tanto pelas ausências e faltas, como pelo excesso e permanência.

O fator temporalidade impactaria então de forma marcante em tal processo, ao que prejuízos do desenvolvimento emocional se dariam a partir da ausência de reconhecimento do fator tempo e das necessidades objetivas e subjetivas do sujeito que se coloca a nossa frente, seja na relação mãe-bebê, seja na relação profissional-paciente.

Em psicanálise o termo simbiose é utilizado para demonstrar a fusão necessária, em determinado momento da vida, entre dois sujeitos, apontando relações de dependência fundamentais para o início da existência humana. (p. 08)



Imagem de mcmurryjulia

Em psicanálise o termo simbiose é utilizado para demonstrar a fusão necessária, em determinado momento da vida, entre dois sujeitos, apontando relações de dependência fundamentais para o início da existência humana. Dessa forma, entendendo esse encontro dependente como necessário para o nosso vir-a-ser, a ausência do mesmo impactaria em violações humanas e impeditivas para o acontecer enquanto sujeito. Da mesma forma, a permanência nessa relação simbiótica levaria também a paralizações do desenvolvimento emocional e por consequência, luta, sofrimento e o adoecer psíquico.

Tais fenômenos envolvendo falhas e interrupções no desenvolvimento humano seriam observados também envoltos por questões sociais, culturais e da linguagem, aspectos esses que atravessam e por vezes determinam o caminhar do sujeito no mundo.

No intuito de refletirmos e dialogarmos com tais vivências humanas, o presente número da Revista Pathos traz alguns artigos e relatos da prática que versam sobre tais temáticas. O primeiro artigo intitulado “Síndrome de Munchausen por Procuração: reconhecendo uma das formas mais letais de violência contra crianças e adolescentes”, das psicólogas Andréa Lucchi, Mariah Beltrami e Adriana Marino, apresenta aspectos e características da Síndrome de Munchausen, um adoecimento que ocorre em relações duais, geralmente entre pais e filhos.

Em seguida, o relato de prática da psicóloga Juliana Rosa, “Relato da simbiose entre mãe e filha: possibilidades de manejo e intervenções”, apresenta a vivência fusionada entre uma paciente adulta e sua mãe, tendo como palco e cenário um serviço da rede de atenção psicossocial.

Ademais, o texto de nome “Caso Pio – encontros e reencontros”, da psicóloga Sirlei Moreira, percorre a narrativa acerca de um atendimento com um menino que apresentava manifestações denominadas antissociais, seus impactos, convocações e busca por relações afetivas.

O quarto texto, “Série *Inacreditável*: possibilidades de intervenções no CREAS”, das psicólogas Gabriela Mello, Gabriela Dias, Suellen Silva e Patrícia Pantaleão, aborda a leitura da rede socioassistencial e de proteção enquanto princípios éticos e de encaminhamentos para casos de violência, os impactos dessa relação dual: Rede-Usuário, suas possíveis intervenções e desfechos.

Por fim, o texto do psicólogo e psicanalista Ronaldo Coelho, de nome “Atualizações do Coliseu: por uma análise institucional do discurso dos *realities* de confinamento”, apresenta análise das condições de produção de subjetividade que os jogos discursivos operam em meio às relações de poder.

Desejamos a vocês uma ótima leitura

Editores

Referências

- Mamede, M. C. (2006). Cartas e Retratos: Uma clínica em direção a ética. São Paulo - SP, Ed. Arauco.
- Winnicott, D. W. (2000). Da Pediatria à Psicanálise – Obras Escolhidas. Rio de Janeiro - RJ, Ed. Imago.